

BAÚ DE MEMÓRIA: NARRATIVAS DE SI NO PROCESSO FORMATIVO

Resumo

Estamos em um tempo em que se tem propiciado ouvir mais o professor, conhecer sua história, seus saberes, suas identidades no cotidiano de suas relações pessoais e profissionais. Nessa perspectiva a memória tem sido uma ferramenta importante na (re)construção e (res)significação dos saberes docentes ao longo das trajetórias de vida dos professores. Nesse sentido, esse trabalho traz uma reflexão sobre o trabalho com a memória, a fim de conhecer o trajeto formativo de três professoras de Educação Infantil, egressas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria, e com isso tenta se aproximar do imaginário sobre o lugar da infância na formação docente. Para tanto, utilizo-me de uma pesquisa de abordagem qualitativa no processo de formação/autoformação que se baseia em referenciais teóricos-metodológicos que viabilizam a discussão acerca da memória, história de vida e narrativas orais e (auto)biográficas construídas em uma “experiência formadora” intitulada Baú de memória. Assim, trago Christine Josso como aporte teórico dessa vivência de modo que o trabalho com a memória propiciou as professoras a (re)construção de imagens, sentidos e significados de saberes profissionais e experienciais a partir de suas histórias de vida. Com isso, as mesmas permitiram-se rememorar, por meio de objetos, lembranças, imagens e reconstruíram fatos, acontecimentos, experiências individuais e coletivas em tempos históricos diferenciados na formação docente. Desse modo, ao narrarem suas histórias acionavam a memória individual e coletiva que as constituem hoje no que são.

Palavras-chave: Memória; História de vida; Formação docente

Grupo de trabalho: Memória, histórias de vida e narrativas de trajetórias docentes e discentes.

BAÚ DE MEMÓRIA: NARRATIVAS DE SI NO PROCESSO FORMATIVO

Silvania Regina Pellenz Irgang /Universidade Federal de Santa
Maria/UFSM/re.irgang@hotmail.com

Valeska Fortes de Oliveira/Universidade Federal de Santa
Maria/UFSM/guiza@terra.com.br

Abrindo o baú...

Este trabalho pretende levantar alguns pontos de discussão e reflexão acerca da memória e da importância das narrativas no procedimento de história de vida na formação docente. Essa pesquisa vem sendo desenvolvida como dissertação de mestrado em Educação, na Linha de Saberes, Formação e Desenvolvimento Profissional, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e pretende contribuir com a formação de professores sobre o lugar da infância nos processos formativos de três professoras de Educação Infantil, egressas do curso de Pedagogia da UFSM. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFSM e está inscrito sob no CAAE sob o n. 0244.0.243.000-08. A escolha dessa temática justifica-se pela minha própria formação profissional em Pedagogia Habilitação Pré-escolar e Matérias Pedagógicas do Segundo Grau, pelos sentidos e significados que o processo formativo vem se constituindo ao longo da minha trajetória enquanto docente e discente, bem como meu interesse pessoal em propiciar uma reflexão sobre a infância na formação de professores.

Desde que a temática da infância tem ocupado um espaço privilegiado em minhas reflexões, muitas lembranças fazem questão de aparecer em minha memória, uma memória que segundo Marques (2006, p. 40) é capaz de “esquecer sem esquecer de todo, os traços que sobraram reconduzem às verdades primeiras”.

A infância tem sido tema de várias discussões em diversas áreas. No entanto, percebemos o movimento de problematizá-la também na linha da formação de professores, pois estes participam do cotidiano das crianças em instituições formais e não-formais das quais nem sempre se propicia o tempo e o espaço da infância. Alguns motivos estão diretamente ligados às exigências de uma sociedade globalizada e midiática, as projeções dos pais, o abandono, enfim a uma série de imposições feitas pelos adultos à criança.

Trago nessa pesquisa o olhar de três professoras de Educação Infantil sobre a infância a partir de suas vivências na formação inicial e na experiência profissional. Desse modo, elas remetem-se as infâncias que deveriam ser vividas por crianças de zero a cinco anos, pois é desse lugar que elas procuram propiciar os sentidos e os significados próprios dessa categoria geracional em cada contexto e cultura.

Segundo Arroyo (2008, p. 121)

a pedagogia retoma seu olhar sobre a infância na medida em que está sendo interrogada pelas ciências humanas e ambas estão sendo interrogadas pela própria infância. Nesse diálogo, outro pensar e fazer educativos são possíveis.

Nesse sentido, busquei na pesquisa-formação, o aporte teórico dessa metodologia, pois junto ao objetivo de conhecer o processo formativo das professoras egressas do Curso de Pedagogia sobre a infância, tem-se como objetivo prático propiciar experiências formadoras às colaboradoras, por meio de narrativas orais e (auto)biográficas. Com isso, tive o intuito de atingir momentos de reflexão individual e coletiva, e de autoformação.

Segundo Josso (2004, p. 25)

A originalidade da metodologia de pesquisa-formação em Histórias de Vida situa-se, em primeiro lugar, em nossa constante preocupação com que os autores de narrativas consigam atingir uma produção de conhecimentos que tenham sentido para eles e que eles próprios se inscrevam num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos.

Ou seja, o principal objetivo é que se criem sentidos ao fazer essa pesquisa, tanto a mim quanto a quem colabora para que esse processo de formação/autoformação se concretize. Seja no momento de escutar umas as outras, de conhecer as trajetórias pessoais e profissionais, nas singularidades de cada professora quando (re)constroem pelo trabalho na memória seus saberes e suas significações imaginárias sobre a infância na formação a partir de suas Histórias de Vida.

De acordo com Josso (2002) o conceito de formação é tomado como ação de construção de si próprio, das relações de pluralidades que permeiam a vida pessoal e profissional do professor. E, as narrativas dos sujeitos envolvidos na pesquisa é um dos processos de formação e autoformação tanto para as professoras quanto para o pesquisador, no momento em que se sente parte do processo formativo do ser professor.

Nesse sentido, Josso (2002, p. 90) diz que

cada narrativa traz um esclarecimento particular ao conceito de processo de formação. (...) Contudo, quando utilizamos no nosso trabalho de compreensão/interpretação alguns desses referenciais, é para compreendermos os processos de formação e não para verificar tal ou tal teoria das Ciências Humanas. (...) O vaivém entre estas narrativas provoca interrogações novas e faz progredir a compreensão do processo de formação.

Nessa perspectiva, a formação deve desempenhar um papel importante na discussão das experiências que os sujeitos trazem para o contexto formativo. Torna-se necessário compreender a constituição pessoal e profissional do professor e as relações que se estabelecem entre si como processo de formação. “A formação não se recebe: ela se faz em um processo ativo que requer a aproximação de, o envolvimento com, a mediação dos outros” (Pereira, et al, 2006, p.80)

Ainda Pereira (2006, p.79), explicita que

por formação estamos entendendo um processo de transformação de si em que as relações que o sujeito estabelece com o mundo, com os outros e consigo mesmo são fundamentais. A dinâmica da formação, já sabemos, se dá em prática, em espaços e tempos, bem particulares, com características que facilitam e, de certa maneira, influenciam os

processos de objetivação/subjetivação de todas as coisas que resultam dos nossos encontros com o mundo bem vivo (...)

Assim, busco com esse processo a possibilidade de me aproximar das histórias de vida, das lembranças e imagens do vivido como mobilizador de um trabalho com a memória das professoras acionando os sentidos e os significados produzidos na experiência formadora: Baú de memória, em que as três professoras trouxeram objetos, fotografias e demais registros que relembassem a formação inicial no curso de Pedagogia.

A experiência formadora segundo Josso (2004, p.39)

é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros.

E, ainda, de acordo com a autora a experiência formadora é uma vivência refletida sobre o que é vivido. A partir dessa vivência pude participar de aprendizagens coletivas, visitei lugares e me aproximei dos sentidos e dos saberes que cada professora produziu e produz em suas Histórias de vida; bem como a partir da subjetividade, da ludicidade, da criatividade que cada uma atribui à infância na trajetória pessoal e profissional da sua formação.

Assim, Josso (2004, p.41) diz que

as experiências formadoras podem intervir na formação do sujeito de maneira mais criativa, interrogando-os sobre as escolas, as inércias e as dinâmicas. A perspectiva que favorece a construção de uma narrativa emerge do embate paradoxal entre o passado e o futuro em favor do questionamento do presente.

Esse questionamento do presente, fez com que na vivência proposta as professoras trouxessem objetos, lembranças, fotografias, enfim, subjetividades que rememorassem sua formação inicial no curso de Pedagogia. Então, reuni as professoras em um espaço cuidadosamente organizado para que elas se sentissem a vontade para falarem de si, de suas lembranças, de seus esquecimentos, dos sentidos e significados que cada uma trouxe em suas “recordações-referências”. Que para Josso (2004, p.40) “significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para as nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentido ou valores.”

Para a autora, “falar de recordações-referências é dizer, de imediato, que elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação” (JOSSO, 2004, p. 40).

Cabe ressaltar que os registros trazidos pelas professoras são atravessados por diferentes tempos históricos e diferentes gerações formativas. A professora Girassol formou-se em 1993 e tem em média quinze anos de experiência profissional na Educação Infantil; a professora Rosa formou-se em 1999 e tem experiência na Educação Infantil e atua no Ensino Superior em disciplinas de Educação Infantil; e a professora Violeta formou-se em 2007 e tem experiência na Educação Infantil. Essa relação intergeracional propiciou a partilha de saberes e experiências singulares que proporcionou

instituir outros sentidos no coletivo. Para Josso (2004, p.43), “as experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhe ensinou mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida”.

Eu posso interferir?

A vivência coletiva contribuiu significativamente com a pesquisa e também proporcionou uma riqueza de dados que representam os trajetos formativos das professoras de Educação Infantil. O entrelaçamento entre as histórias, os saberes e as aprendizagens umas das outras foi possibilitando um diálogo e um reencontro de si nas narrativas no decorrer da vivência. E isso acarretou em sorrisos e pausas para perguntar: posso interferir?

Essa “interferência” era para compartilhar suas histórias, suas lembranças, no momento em que cada uma era o próprio objeto vivo de rememoração umas das outras. Desse modo, vivenciamos durante uma hora e dez minutos momentos de formação/autoformação pelo trabalho da memória de histórias guardadas, esquecidas, mas constitutivas de cada uma. É como diz Guedes-Pinto (2008, p. 35) quando se refere às ideias de Verena Alberti, “ao narrar, os sujeitos re-significam as suas experiências e as reconstróem. E essa reconstrução se dá em função de os interlocutores - aquele que narra e aquele que escuta - estarem em relação com o outro”.

Para reconstruir as imagens vivenciadas pelos professores, a memória passa a ser um substrato teórico e a percebemos, assim como Bosi (1994), não como sonho, mas como trabalho. Trabalho este que reconstrói imagens do passado por fios das experiências do presente, tentando viver este tempo através de uma relação que pode ser criativa e transformadora.

Nesse sentido, Guedes-Pinto (2008) também traz as contribuições de Ecléa Bosi, referindo-se à memória como trabalho, pois

a memória é um refazer das experiências passadas exigindo com isso devotamento e trabalho por parte daqueles que se voltam às lembranças de um tempo longínquo e que, com a ajuda dos materiais presentes em seu entorno atual, esforçam-se em um trabalho consciente de rememoração. (GUEDES-PINTO, 2008, p. 41-42)

Nessa perspectiva, o trabalho da memória na vivência foi individual, mas também coletivo, pois a investigação acionou na memória docente as significações ocorridas no decorrer do trajeto formativo e algumas (res)significações dos saberes construídos na formação inicial e nas experiências profissionais vividas nos grupo sociais aos quais pertencem.

As fotografias surgiram também como registros de rememoração e significações individuais e coletivas no momento da vivência. Isso propiciou as professoras a se identificarem e rememorarem suas formaturas, suas colegas, a estética, as formas de se vestir e os costumes e culturas nos diferentes ambientes, em diferentes épocas. Essas recordações-referências acionaram as lembranças, os sentidos e significados de objetos que falavam de cada professora, dos trajetos formativos e de suas histórias de vida.

Halbwachs (2006, p. 31) traz uma importante contribuição ao que tange a memória individual e a memória coletiva. E me reporto a essa reflexão

quando as professoras, apesar de terem objetos, lembranças, imagens e materiais diferentes, se identificam umas nos materiais das outras de modo que uma lembrança que era individual tornou-se coletiva. Isso, segundo o autor é porque elas tiveram lembranças em comum. Ou seja, “quando as imagens se fundem muito estreitamente com as lembranças e parecem tomar sua substância emprestada a estas, é porque a nossa memória não estava com uma *tabula rasa* (...)” (2008, p. 32)

É importante salientar que o esquecimento também é constitutivo do processo rememorativo das professoras, por diferentes motivos e esses fatos ou acontecimentos ficam temporariamente esquecidos ou permanecem em seu silêncio. Guedes-Pinto (2008, p. 54) considera importante o papel que desempenha o esquecimento envolvendo a memória, pois “ele nos ajuda no processo rememorativo, uma vez que possibilita tanto uma seleção do que deve ser lembrado – as escolhas são necessárias entre tantos caminhos a percorrer pela memória – quanto protege os sujeitos de entrar em contato novamente com situações de extrema dor e difíceis de suportar”.

Esse esquecimento ficou evidente em alguns momentos da vivência, mas elas não foram pressionadas a narrarem aquilo que no momento não se sentiam à vontade de compartilhar.

No decorrer do encontro com as professoras o clima de partilha se instaurou e a professora Rosa iniciou a narrativa oral de seus objetos que nesse dia e momento tinham significados próprios do seu trajeto formativo. Ela trouxe um caderno e uma pasta azul com alguns trabalhos da época da graduação em Pedagogia. Aos poucos foi narrando suas escolhas e marcas que com o tempo foram tendo outros sentidos.

Eu ia pegar as fotos das minhas crianças de estágio e anterior a ele, todos os vínculos que eu tive com a Escola Santa Catarina, mas acabou que eu cheguei correndo e peguei meu caderno. Um caderno que tem as duas disciplinas de metodologia do pré-escolar, que é mais próximo da educação infantil, tem trabalhos aqui no meio e tem a minha filha, o meu laboratório. (...) foi a época que eu mais quis estudar mesmo as coisas, eu procurei o curso de Pedagogia foi para isso, foi para estudar algo que eu já conhecia, porque eu já trabalhava, já tinha trabalhado nas creches. E nesta pastinha tem alguns trabalhos e tem textos, que eu julguei que seria mais importante guardar (...) porque a gente tem as boas e as más experiências, mas o falar sobre o que a gente conhece, eu acho que é importante. Eu vejo, o quanto que isso é preciso para os alunos, eu precisava disso na época que eu estava lá, porque as pessoas falavam e mandavam a gente ler sobre coisas que eles não sabiam e talvez nem eles se fossem lá, iam fazer assim, iam fazer diferente. (...) Agora ela falando, me lembrei, posso falar né?

As professoras Rosa e Girassol vivenciaram a mesma matriz curricular durante a formação inicial, então, quando uma mencionava sobre as disciplinas e professores, identificavam-se e apresentavam a nós suas representações formativas. Percebemos nas narrativas os saberes profissionais construídos na formação e que com a experiência profissional eles foram (res)significando-se.

Mas agora, nesse caderno, eu peguei algumas coisas que é da metodologia do pré-escolar, eu tava olhando quando eu cheguei, que

é todo o referencial inicial lá dos teóricos, do Pestalozzi, todos que fundamentaram teoricamente a educação da criança pequena. E eu vejo que isso se perdeu no curso, é meu olhar hoje. (G) eu posso interferir? Por coincidência eu trouxe também um material desses, as contribuições, que me marcou muito durante o curso, mas eu consegui resgatar só alguns. Tu lembrás, eu acho que era do pré-escolar II, que é o Froebel, que é o que tu estás falando, o Piaget. (R) é isso aí! (G) eu também me identifiquei bem no curso e que lendo hoje, procurando o material e eu olhando aqui até o final, o Freneit, como a gente usa até hoje, aplica. (R) mas é, até para idéia dos dons, que vem lá do Froebel também. E daí vem a ideia da rotina, de como a gente organiza os espaços, o que a gente faz no trabalho com a criança (...) a gente tinha naquele currículo que é meu e da Girassol.

A professora Violeta formou-se em 2007 e passou por duas reformulações curriculares durante o curso, mas o interesse de conhecer as histórias umas das outras em diferentes gerações, tempos e espaços foi construindo essa vivência coletiva. Nesse sentido, elas também foram percebendo os avanços e retrocessos da Educação Infantil nos diferentes currículos.

Segundo Oliveira (2001, p. 23) “o tempo não é algo estático e determinado de uma vez por todas; as memórias pessoais, as evocações do passado, não existem isolada ou autonomamente - constroem-se em função de quadros de referência do grupo social, de ideias compartilhadas”.

A professora Girassol trouxe registros significativos para si e que também acionou a memória das outras professoras a re-construírem e a se aproximarem de suas próprias superações pessoais e profissionais.

(G) eu trouxe aqui o convite da formatura. (R) (V) Olha esqueci de pegar o meu. (G) Foi assim, me deu até uma vontade de chorar, de lembrar. (...) Foi uma vitória para mim, porque eu estava grávida. (...) Meu marido, eu lembro, que ele trabalhava à noite para cuidar do nosso filho de dia, para eu fazer a faculdade.

Para a professora Violeta a formação inicial remeteu-a a outros lugares, revisitando a infância e os saberes construídos enquanto criança que foi. Isso é o que dá sentido a ela hoje, ao seu trabalho com a criança e as habilidades que pode estar potencializando nelas a partir de sua própria vivência.

Em Artes, eu fiz a “Borbovilha” era uma boneca misturada com poderes que tu queria que tivesse, era uma viagem, mas foi bem legal, eu gosto dessas coisas, por causa da minha infância (...) eu estava me lembrando de uma atividade que eu fiz com meus alunos. Era dia das bruxas e a professora queria que a gente fizesse alguma coisa envolvida com o dia das bruxas (...) E é isso, criatividade eu acho que tem que ter bastante e desenvolver na criança também. E esse trabalho eu me lembro um pouco da minha infância, que foi o que eu quis fazer no estágio também, foi um trabalho bem diferente.

Conforme Oliveira (2006, p.184),

as histórias da nossa infância e da nossa escolarização são revisitadas no sentido das referências construídas: temos recursos experienciais e também representações sobre escolhas, influências, modelos, formação de gostos e estilos, o que é significativo para a reflexão sobre o que somos hoje e para as possibilidades autopoieticas que nos singularizam como pessoas e professores.

Assim, as aprendizagens situadas em tempos e espaços determinados e precisos atravessam a vida dos sujeitos. O acesso ao modo como cada pessoa se forma, como a sua subjetividade é produzida permite-nos conhecer singularidades da sua história, como age, reage e interage com os seus contextos. A própria narrativa sobre a trajetória profissional pode auxiliar na tematização da atuação presente do professor construindo um arquivo de memória das vidas de professores.

A (re)construção da infância, por meio da História de vida, adquire um papel relevante, à medida que possibilita aos professores refletirem sobre os significados que construíram na sua trajetória, num determinado contexto, dando abertura também às vivências, aos sonhos, aos sentimentos, medos, angústias, etc.

Para Gullestad (2005, p.526),

são as experiências da infância que fornecem a base para a aprendizagem e a criatividade ulteriores. Por meio das mais precoces percepções do mundo, cada pessoa adquire algumas das idéias, imagens e metáforas básicas que, mais tarde, vão estruturar suas experiências no mundo e os sentidos que dão a este.

Assim, a História de vida, passa a ser compreendida como um caminho de recriação do presente, partindo de impressões e experiências vivenciadas e construídas no passado. Compreendemos, então, que através da memória, as representações que se formaram ao longo da trajetória de vida dos professores, evidenciam o processo de re-construção de significados, imagens e valores a partir das vivências cotidianas que envolvem a formação.

A (res)significação vai tendo sentido no momento em que cada professor se dá o tempo de reflexão sobre o tema da infância e se (re)constrói imagens que ao longo da história de vida adquirem sentidos e significados muitas vezes esquecidos em meio a tantas outras demandas do ser professor.

A análise das histórias de vida de professores permite não só visualizá-los num momento estanque, fechado em si mesmo, mas visualizá-los em suas mudanças, ao mesmo tempo em que o professor se (res)significa em seu meio a cada instante, pois “escrever sua história é tomar consciência de si mesmo” (Schwengber apud Oliveira, 2004, p.234).

Nossas memórias, nossas aprendizagens...

Entendendo o processo formativo como algo contínuo e permanente, deixo nesse espaço algumas impressões e aprendizagens dessa vivência que foi refletida, formativa e propiciou tanto a mim quanto as professoras de

Educação Infantil sentidos e significados que permanecerão em nossos baús de memória.

Na perspectiva da pesquisa-formação tentei me aproximar das significações imaginárias das professoras e com isso busquei compreender os saberes profissionais e experienciais ao longo de seus trajetos formativos, bem como observar como as professoras mobilizam suas aprendizagens a partir de suas histórias de vida. Nesse sentido, é preciso mencionar a dimensão pessoal e profissional que atravessa o ser professora de cada uma e que as constituem no que são hoje, compreendo a formação como um processo contínuo e de autoconhecimento.

Na produção da narrativa oral, ao contar sobre os sentidos e significados dos objetos, imagens e lembranças de seus baús de memória, construiu-se um momento de diálogo, de partilha, de problematizações do cotidiano, das práticas pedagógicas e das identidades docentes nos diferentes lócus de atuação. Além disso, as discussões entre as gerações propiciou uma reflexão crítica e complexa, impregnada de subjetividades que marcaram as professoras de Educação Infantil em diferentes tempos históricos e espaços de formação. Nessa vivência nos proporcionamos repensar o papel da formação inicial e da experiência profissional como dispositivo de formação/autoformação individual e coletiva.

Segundo Josso (2006, p. 379) “O processo é pôr-se a caminho, nessa busca de compreensão de si, de componentes de nossa história, de tomadas de consciência do que nos move, nos interessa, nos guia, nos atrai.” A autora menciona com isso que é através do trabalho biográfico que essa tomada de consciência e de compreensão de si poderá permitir que cada um de nós possa perceber outros desafios, outros caminhos e oportunidades num contínuo aprender.

Destaco a narrativa (auto)biográfica das professoras:

Vejo que me aproximo pouco do que foi minha formação inicial, talvez porque esteja tentando ser diferente, fazer diferente, ver diferente,... Meus referenciais sobre a infância são, na maioria posteriores, só falava do que vivo hoje, pelo menos com mais propriedade. Acho que também falta maturidade quando se é aluno para poder ver o que é importante na educação da criança... Estar aqui e rever este processo me coloca também de frente para o que preciso fazer no meu trabalho no curso de Pedagogia, é uma maneira de refazer a história, minha e de outras pessoas. (Professora ROSA)

A busca pelos objetos me fizeram relembrar coisas da minha infância, coisas da minha formação importantes e que hoje fazem a diferença no meu trabalho na escola. Na conversa de hoje muitas coisas vem à tona, sentimentos, emoções que me re-significam, me fazem repensar atitudes e valores, me fazem perceber minha formação e minha trajetória na universidade e o quanto amadureci e aprendi. Trajetória e fatos que conto e que mexem comigo ao contar, pois são esses acontecimentos e fatos que me constituem o que sou hoje e que ao lembrar me re-significam. Momentos bons, agradáveis de cheiros, gostos e sensações. Momentos que nos tocam. (Professora VIOLETA)

Foi emocionante resgatar a minha formação e mais ainda as disciplinas que me aproximaram da prática. E, após anos de prática, pude perceber se queremos avançar no processo educacional é preciso mudar nossas ações, seja na forma de lidar com o outro, no interesse pela aprendizagem, ou seja, na forma de avaliar conhecimentos. Gostaria de deixar registrado a minha satisfação em rever objetos que fizeram parte de minha trajetória no curso de Pedagogia como: fotos, certificados, convite, histórico, trabalhos, que todos os esforços não foram em vão, hoje me sinto realizada profissionalmente e faço o que mais gosto. É estar próxima das crianças acompanhando os progressos e avanços e contribuindo com as aprendizagens significativas. (Professora GIRASSOL)

Podemos observar por meio da narrativa (auto)biográfica das professoras os sentidos e os significados re-construídos na experiência formadora e de que modo essa vivência mobilizou suas reflexões do vivido, acionando no campo simbólico as significações imaginárias sobre si mesmas, a infância e a formação docente. Essa rememoração dos objetos significativos no trajeto formativo propiciou um espaço prazeroso de histórias singulares construídas no coletivo da formação inicial e experiencial de cada uma.

Nesse sentido, o trabalho com a memória e as narrativas possibilita perceber as imagens representativas, os significados que construímos enquanto discentes e docentes no decorrer de nosso trajeto de vida. Além disso, esse trabalho buscou construir momentos “charneira” que de acordo com Josso (2006, p.378) quando se trabalha numa perspectiva biográfica, é o momento de “reconstrução de quem faz história no percurso de vida relatado”. Ou seja,

é o momento em que se trata de compreender como essa história articula-se como um processo - o processo de formação – que pode ser apreendido mediante as lições das lembranças que articulam o presente ao passado e ao futuro. (...) Nessa fase do trabalho biográfico centrado na compreensão e na interpretação dos relatos com olhares cruzados, novos tipos de laços aparecerão. (JOSSE, 2006, p.378)

Portanto, essa experiência formativa proporcionou-nos um processo de aprendizagens profissionais e pessoais quando as professoras de Educação Infantil ao narrarem suas histórias de vida e trajetórias formativas propiciaram a reflexão individual e coletiva dos saberes e das maneiras de ser e estar na profissão docente. Narraram e compartilharam de modelos de professores que marcaram seu trajeto na formação inicial e o quanto isso é significativo no presente. Isso fez com que (re)significássemos os saberes construídos enquanto alunas que fomos no curso de Pedagogia e que agora na experiência profissional estão sendo constantemente reconstruídos pelas marcas e momentos vividos no cotidiano das atuações profissionais e pessoais. No entanto, essa (re)significação leva tempo, exige reflexão e amadurecimento para reunir os fios que se revelaram significativos na formação/autoformação e que é um desafio na reflexão biográfica da vida dos professores.

Referências Bibliográficas:

ARROYO, M. A infância interroga a pedagogia. In: SARMENTO, M;GOUVEA, M.C.S. **Estudos da infância: saberes e práticas sócias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

GUEDES-PINTO, A.L. et al. **Memórias de leitura e formação de professores**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2008.

GULLESTAD, M. Infâncias imaginadas: construções do eu e da sociedade nas Histórias de Vida. In: **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p.509-535, 2005.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JOSSO, M.C. **Experiências de Vida e Formação**. Lisboa: Educa, 2002.

_____. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. In: **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.32, n.2, p.373-383, mai/ago.2006.

MARQUES, M. O. **Escrever é Preciso – O princípio da pesquisa**. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

_____. Professores Falantes de Si na Sala de Aula, na Escola e na Constituição da Pedagogia. In: OLIVEIRA, V.F. de. **Imagens de Professor: significações do trabalho docente**. 2ªed. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.

OLIVEIRA, V.F. de. **Imagens de Professor: significações do trabalho docente**. 2ªed. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.

_____. Narrativas e saberes docentes. In: **Narrativas e saberes docentes**. Ijuí: Unijuí, 2006.

_____. A memória na reconstrução da docência. In: VASCONCELOS, J.G; MAGALHÃES JUNIOR, A.G. **Memórias no plural**. Fortaleza: LCR, 2001.

PEREIRA, M. V. et all. Influências nos escritos sobre formação de professores. In: OLIVEIRA, V. F. de. **Narrativas e saberes docentes**. Ijuí: Unijuí, 2006.

SCHWENGBER, M. S. V. As diferentes faces da escolha profissional. In: OLIVEIRA, V. F. de. **Imagens de professor: significações do trabalho docente**. 2ª ed., Ijuí: Unijuí, 2004.